

Genealogias em Gênesis: fios que se entrelaçam na historiografia de Israel a partir de Abraão

*Genealogies in Genesis:
threads that link in the Historiography of Israel from
Abraham*

Jacir de Freitas Faria

Resumo

Nos relatos de fé do livro do Gênesis as genealogias têm um papel fundamental. Elas são como fios entrelaçados para nos apresentar uma historiografia patriarcal linear. Genealogias, descendências familiares, giram em torno de Abraão para unir Israel como povo, numa única fé e identidade. O primeiro relato de Gênesis, Gn 1,1—2,4a, termina afirmando que se trata da genealogia do céu e da terra. A partir do capítulo doze, Deus promete a Abraão uma grande descendência que se multiplicaria, na terra prometida, com as Suas bênçãos. O desenrolar da trama é envolvente e historiográfico. Abraão e terra são pontos de partida de uma longa caminhada de fé, escrita e interpretada muitos séculos depois dos fatos. Qual o objetivo de tantas genealogias no livro do Gênesis? Qual é o papel de Abraão na formação das genealogias? Por que ele sobressai ao patriarca Jacó que, naturalmente, seria a personagem principal, visto que é ele que dá nome ao povo? Essas e outras questões é o que propõe responder esse artigo. O caminho a ser percorrido é o da compreensão do livro do Gênesis a partir de seu conteúdo, seguido das genealogias em seus vários aspectos: na formação de povos, na criação, na inclusão de descendentes no ramo abraâmico e, por fim, ao redor de uma sepultura. Os principais autores que embasam a construção teórica são: Jean-Louis Ska, Albert de Pury e Milton Schwantes.

Palavras-chave: Abraão. Genealogia. Terra. Gênesis. Historiografia.

Abstract

In the accounts of faith in the book of Genesis, genealogies play a fundamental role. They are like woven threads to present us with a linear patriarchal historiography. Genealogies, family descent, revolve around Abraham to unite Israel as a people, in a single faith and identity. The first account of Genesis, Gen 1:1–2:4a, ends by stating that it is the genealogy of heaven and earth. From chapter twelve, God promises Abraham a great seed that would multiply, in the promised land, with His blessings. The unfolding of the plot is engaging and historiographical. Abraham and earth are the starting points of a long journey of faith, written and interpreted many centuries after the facts. What is the purpose of so many genealogies in the book of Genesis? What is Abraham's role in shaping the genealogies? Why does he stand out from the patriarch Jacob, who would naturally be the main character, since he is the one who names the people? These and other questions are what this article proposes to answer. The path to be followed is to understand the book of Genesis from its content, followed by genealogies in its various aspects: in the formation of peoples, in creation, in the inclusion of descendants in the Abrahamic branch and, finally, around a grave. The main authors who support the theoretical construction are: Jean-Louis Ska, Albert de Pury and Milton Schwantes.

Keywords: Abraham. Genealogy. Earth. Genesis. Historiography.

Introdução

As genealogias exercem, sem sombra de dúvida, um papel importante na historiografia de formação do povo da Aliança, Israel. As genealogias formam, no livro do Gênesis uma rede de fios que associam as descendências às pessoas dos patriarcas e matriarcas, sobretudo, Abraão. Esse personagem torna-se o ponto de partida para unificar, de forma inclusiva, parentes e povos, próximos e distantes, em várias ramificações genealógicas. Não em menor escala, as genealogias serviram para unir o povo de Abraão ao mundo criado por Deus e à humanidade.

Como isso acontece? Por que a figura de Abraão sobressaiu a de Jacó, aquele que teve o seu nome mudado para Israel? Como são resolvidos os problemas dos filhos que não eram herdeiros da promessa, como Ismael? Como esses relatos são interpretados? Que relação existe entre a genealogia e terra? Possíveis respostas a essas perguntas constituem o escopo principal desse artigo.

1. O livro do Gênesis e seu conteúdo

O livro do Gênesis abre as páginas do Pentateuco com duas narrativas da criação do mundo (Gn 1,1—2,4a e 2,4b-25) e a sua recriação a partir de um dilúvio (Gn 6,5—9,17). Elas estão intercaladas com relatos que tratam da violência nas origens (Gn 4,1-24 e 11,1-9). Esses textos de Gn 1—11 constituem a porta de entrada para falar do povo da Aliança, Israel, o povo escolhido por Deus. Sua história começa a partir de Gn 12 e vai até o capítulo 50 de Gênesis.

Trata-se, na verdade, de historiografias que começam com Abraão e vão até José, o filho do patriarca Jacó, neto de Abraão. São historiografias porque elas constituem um modo de interpretar esses fatos. É o que explica Mario Liverani: as narrativas bíblicas são “fontes que são em grande parte de caráter historiográfico – reconstruções, reflexões, interpretações do passado. Pode-se dizer que se trata de uma historiografia autorreferencial, sem referência real ou ‘história’ básica”.¹

O livro do Gênesis pode ser dividido em duas partes:

- a) Gn 1—11 que narra a origem da vida e do mundo, onde está Israel; e
- b) Gn 12—50 que relata as tradições dos patriarcas Abraão, Isaac, Jacó e suas matriarcas Sara, Agar, Rebeca, Lia e Raquel, resultando na formação de Israel como povo.

Na primeira parte a vida parece paradisíaca até o dia em que a maldade entra no mundo. Os dois protótipos de ser humano, o Adão e Eva, acabam caindo nas trapaças da serpente que os engana. Um de seus filhos, Caim, é um fratricida. Ele mata seu irmão Abel. A partir desse relato é narrado o aumento da violência entre os seres humanos, onde vê-se irmão matando irmão. O dilúvio é uma tentativa de recomeçar tudo de novo, com uma nova geração, sem os vícios da antiga. A torre de Babel é fruto de uma geração que oprime e,

¹ LEVIRANI, M., Nuovi sviluppi nello studio dell’Israele Biblico, p. 388.

por causa disso, ela, a opressora Babilônia será dispersa. A história parece não ter solução.

Na segunda parte do livro, Deus suscita a geração dos patriarcas para recomeçar uma nova Aliança, pós-Torre de Babel (Gn11,1-9), que incidirá sobre toda a humanidade. Nos capítulos doze a cinquenta encontramos histórias/historiografias de um povo pastoril que perambula entre as terras da promessa, Canaã, e as do opressor, o Egito. O que motivou o caminhar de patriarcas e matriarcas foram, basicamente, duas promessas: a de que deles sairia uma numerosa descendência, assim como as estrelas do céu (Gn 26,4), e a de que a terra de Canaã seria dada a eles, de modo que nela eles pudessem inaugurar uma nova etapa na vida da humanidade.

Abraão não teve dúvida. Quando chegou a Canaã, ainda que o seu destino inicial fosse o Egito, tratou logo de erigir aí um altar para Deus (Gn 12,7), garantindo, com isso, a presença Dele na terra. No entanto, a prosperidade da terra e a constituição de uma geração e formação de um povo não foram fáceis.

A primeira decisão de Abraão foi a de ir ao Egito em busca de sobrevivência (Gn 12,10-20). A terra prometida não foi capaz de lhe dar o suficiente para sobreviver. Tempos depois, o patriarca Jacó, pelo mesmo motivo, teve que ir ao Egito (G 46,1-7).

José, o filho ilustre e amado de Jacó, fecha o livro de Gênesis, dizendo aos seus irmãos: “Eu vou morrer, mas Deus cuidará de vós e vos fará subir deste país para a terra que prometeu, com juramento, a Abraão, Isaac e Jacó” (Gn 50,24). Essa promessa de uma nova vida na terra de Canaã é tratada com mais detalhes nos livros de Êxodo, Números e Deuteronômio. O livro do Levítico estabelece leis de pureza para ser vivida na terra da promessa, depois do exílio da Babilônia (587 a 536 a.E.C.).

Desse modo, as narrativas de Gênesis apresentam a constituição do povo eleito e sua presença no mundo criado por Deus. Destaque para as genealogias, as descendências dos vários grupos que vão se unindo como povo a partir do patriarca Abraão. É o que veremos, a seguir.

2. O livro do Gênesis a partir das genealogias

Nos relatos de fé do livro do Gênesis uma coisa salta aos nossos olhos, o modo como essas narrativas foram entrelaçadas para nos apresentar uma história única e linear. Genealogias de descendências familiares são unificadas.

Um leitor menos avisado pensa que tudo teria ocorrido como aparecem nos relatos, isto é, Isaac é filho de Abraão, que é avô de Jacó. Na verdade, cada redator escolhe, seleciona os relatos para compor a sua narrativa.

As genealogias de outros povos no livro do Gênesis servem não somente para demonstrar a singularidade de Israel como povo eleito, mas para incluir povos vizinhos no projeto salvífico. Israel só pode ser um povo em relação aos outros povos e tribos vizinhas, assim como no mundo em que habita.² A sua identidade está construída em relação aos outros povos.

Para o redator Sacerdotal, possivelmente, no pós-exílio da Babilônia (587-538 a.E.C.), a genealogias foram elaboradas a partir de seis objetivos, a saber:

1. unir a historiografia de Israel à genealogia da criação do mundo;
2. unir por laços parentais, étnicos e culturais as famílias patriarcais;
3. apresentar os legítimos herdeiros das promessas de Deus a Abraão;
4. estabelecer os membros do povo da promessa;
5. estabelecer as relações de Israel com os outros povos, e quais deles poderiam entrar na lista dos eleitos;
6. manter viva a memória e a identidade do povo judeu.

Esses objetivos serviram para configurar a historiografia de Israel a partir da genealogia que, no plural hebraico, é *Tóledôt*, e pode ser traduzido por descendente ou “a história de”, entendido também como descendência, visto que, quando traduzido assim a historiografia é a de um personagem e seus descendentes, como a história de Noé e seus filhos (Gn 6,9—9, 28).

O termo genealogia aparece dez vezes no livro de Gênesis para fazer a ponte entre uma descendência e outra, conferindo ao livro uma estrutura que explique a origem, a gênese, o princípio de cada povo e suas relações culturais, religiosas e econômicas, da seguinte forma:

Gn 2,4b: Essa é a genealogia (história) do céu e da terra;

Gn 5,1: Eis o livro da genealogia (descendência) de Adão a Noé;

Gn 6,9: Eis a genealogia (história) de Noé e seus filhos;

Gn 10,1: Eis a genealogia (descendência) dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé;

Gn 11,10: Eis a genealogia (descendência) de Sem a Abraão;

Gn 11,27: Eis a genealogia (descendência) Taré, pai de Abraão;

Gn 25,12: Eis a genealogia (descendência) de Ismael, o filho de Abraão com Agar;

² SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 81.

Gn 25,19: Eis a genealogia (história) de Isaac a Jacó;

Gn 36,1.9: Eis a genealogia (descendência) de Esaú;

Gn 37,2: Eis a genealogia (história) de Jacó.

A primeira genealogia é, obviamente, a do céu e da terra, a que confere a Israel a ligação com Deus Criador. Na sequência, Adão, o arquétipo de ser humano, assim como Deus Criador, inicia simbolicamente o processo de geração da vida entre os seres humanos. Deus cria Adão como ser humano (Adão) na condição de homem (varão) e mulher (varoa), de modo que eles pudessem gerar a vida.

A genealogia de Adão vai até Noé, o homem escolhido por Deus para recriar o mundo e o ser humano, conforme relato do dilúvio em Gn 6,5—9,17. Noé, realizando a ordem divina de multiplicar (Gn 1,28), gera três filhos: Cam, Jafé e Sem, os quais também geram filhos e filhas, e, conseqüentemente, os povos que se relacionariam com Israel. O redator sacerdotal, portanto, com o intuito de fazer a ligação dos filhos de Noé com Abraão, apresenta a genealogia de seus filhos (Gn 10,1-32), dando destaque para Sem, do qual iria descender, mais tarde, o patriarca Abraão.

O redator da genealogia de Taré apresenta seu filho Abraão, sua nora Sara e seu neto Lot, bem como o estabelecimento deles na terra de Harã, numa primeira tentativa de migração deles para Canaã. Lot aparece para justificar a sua relação ancestral com os povos moabitas e amonitas.

Estabelecida a geração, desde a criação até Abraão, o redator final de Gênesis teve que encontrar uma solução para o filho de Abraão, Ismael, com a escrava Agar. Essa descendência não estava prevista, mas dela nasceu um povo que também teria que ser considerado na relação com o povo da Aliança, os ismaelitas, isto é, as tribos da Arábia do Norte. Agar interfere no percurso da historiografia da salvação, exigindo seu direito de matriarca e mãe de um povo também descendente de Abraão. Deus ouve o seu clamor (Gn 21,8-21).

Uma longa narrativa trata da genealogia e historiografia do legítimo herdeiro de Abraão, Isaac (Gn 25,19—36,42). Ele que teve dois filhos, Esaú e Jacó, com a sua esposa Rebeca. Por ser o primogênito, Esaú tinha o direito de manter a linhagem, a genealogia de Israel. No entanto, numa historiografia permeada de trapaças e acordos, Esaú perde o seu direito (Gn 27) para o irmão. No fim, a genealogia de Esaú identifica os edomitas, povos do deserto que também têm laços parentais com Abraão (Gn 36,1.9).

Resolvida a questão, o redator (ou redatores) do livro de Gênesis apresenta uma longa narrativa historiográfica de Jacó e sua genealogia composta de doze filhos, os quais deram nome às doze tribos de Israel. Jacó tem o seu nome mudado para Israel. Tal mudança ocorre após um árduo confronto, onde mostrou-se forte no embate (Gn 32,23-33; 35,10). Israel significa “que Deus se mostre forte”. Tendo ido para o Egito, por causa da presença de José, seu filho querido, no poder, Jacó, no fim da vida, abençoou cada um dos filhos. Com a sua morte, José fez o seu funeral e o enterrou junto com Abraão, em Macpela, na terra de Canaã (Gn 50,1-14). José também morreu pedindo aos seus filhos que levassem os seus restos mortais para Canaã.

Construída, tecida, a partir da genealogia, uma etapa da história de Israel estava escrita para sempre no livro do Gênesis. A genealogia serviu para criar pontes entre as inúmeras histórias de fé, no passado e no presente da história, sobre o rio do esquecimento que liga a margem do hoje à margem do antontem, como escreve SKA, ao falar da função da genealogia em Gênesis: ³

É preciso construir essas pontes quando o rio do esquecimento chega a separar o hoje do ontem e do antontem, ou seja, quando não é mais possível alcançar a margem dos próprios antepassados. A ponte começa também onde se torna indispensável encontrar o caminho para a margem do passado para autenticar ligações pessoais ou coletivas, geográficas ou políticas, ou para legitimar uma função ou uma dignidade hereditária. Há, enfim, pontes que ligam membros de famílias separadas pelo rio do esquecimento e que querem manter vivos laços étnicos, geográficos, econômicos, políticos ou simplesmente culturais.

As genealogias serviram para unir a historiografia de Israel com as origens do mundo e de outros povos que surgiram da descendência de Abraão, o pai na fé. Para a convivência entre eles foi preciso estabelecer e demarcar o território de cada um deles. O sobrinho Lot seguiu o seu caminho assim como Esaú, o filho que perdeu o direito de primogenitura, mas não a descendência abraâmica. Jacó e seus doze filhos de Jacó são os herdeiros da promessa.

Já Lot, antepassado dos moabitas e amonitas, Ismael, os filhos da segunda mulher de Abraão, Cetura (Gn 25,1-6) e Esaú, o primogênito de Jacó têm, igualmente, suas historiografias e genealogias apresentadas, mas não são

³ SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 77.

herdeiros da bênção.⁴ Por outro lado, há uma tentativa, ao apresentar essas narrativas, de demonstrar a importância da figura de Abraão como elemento unificador dos diferentes ramos que compõem a descendência abraâmica. O patriarca assume o papel de ser o ponto de harmonia entre os diferentes.⁵

Outros povos, mais antigos que Israel, já estavam no cenário mundial. Eles são citados nas genealogias para ressaltar a presença de Israel, como povo eleito, no meio deles, como o Egito (Gn 10,6.13), Babel (Gn 10,10), Nínive (Gn 10,11), Filisteia (Gn 10,14). Dos filhos de Noé surgem muitos povos que ocuparam as ilhas e as costas do mar Mediterrâneo etc. Nações que viviam ao norte, sul, leste e oeste de Israel são consideradas, nas genealogias da humanidade, para ressaltar a genealogia abraâmica, a que deu origem a Israel.

Para Ska, as genealogias dos povos serviram para evidenciar que todos as nações são aparentadas, formando uma só família porque há um só criador e Senhor do universo, apesar das diferenças. Israel, no entanto, é diferente nesse universo genealógico.⁶

Na genealogia de Israel, três personagens são importantes: Abraão, Isaac e Jacó. As tradições ligadas a eles são diversas. Abraão tem raízes no Sul, em Hebron, cidade que une as regiões do deserto e da planície. Isaac é o patriarca filho da Terra da Promessa, e nela permanece (Gn 26,2-5). Jacó, conforme Gn 35,15, deu nome de Betel ao lugar onde Deus lhe falou. Betel está no reino Norte. Já a tradição profética de Os 12,5 diz: “Em Betel o reencontrou. Ali ele nos falou”.

A redação desses textos, no pós-exílio, trouxe um problema para os redatores de Gênesis e do Pentateuco. Como unir as fontes sobre esses personagens? Não teria sido mais lógico dizer que o povo veio de Jacó? Não é ele que teve o seu nome mudado para Israel? Não estaria o texto afirmando que o Norte aglutinaria as tradições de origem? Respostas positivas a essas afirmativas não procedem.

Os repatriados da Babilônia eram chamados de judeus, justamente porque foram os israelitas do Sul que sofreram o exílio e aí repensaram e projetaram uma nova história de fé e aliança com Deus. Fazer de Abraão, o sulista e mais antigo dos três patriarcas, o elemento integrador de todas dos filhos de Jacó possibilitou a unificação de Israel num único tronco. Ska,

⁴ HEARD, R. C., Dynamics of Deselection, p. 95.

⁵ SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 95.

⁶ SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 92.

interpretando essa questão, afirma que “desse modo, a província da Judeia afirma a sua superioridade sobre o reino do Norte e sobre os samaritanos”.⁷

Na genealogia surge uma inquietação. Por que motivo Isaac entrou na lista dos patriarcas? Ele não teve muita proeminência. Suas ações são marcadas pela passividade de um filho que quase foi sacrificado para justificar a fé do pai (Gn 22), foi manipulado pela mulher para passar a bênção para outro filho (Gn 24). Isaac recebe do Senhor a ordem de não ir ao Egito:

Não desças ao Egito, fica na terra que eu te disser. Habita nessa terra, eu estarei contigo e te abençoarei. Porque é a ti e à tua raça que eu darei todas estas terras e manterei o juramento que fiz a teu pai Abraão. Eu farei a tua posteridade numerosa como as estrelas do céu, eu lhe darei todas essas terras e por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra (Gn 26,2-4).

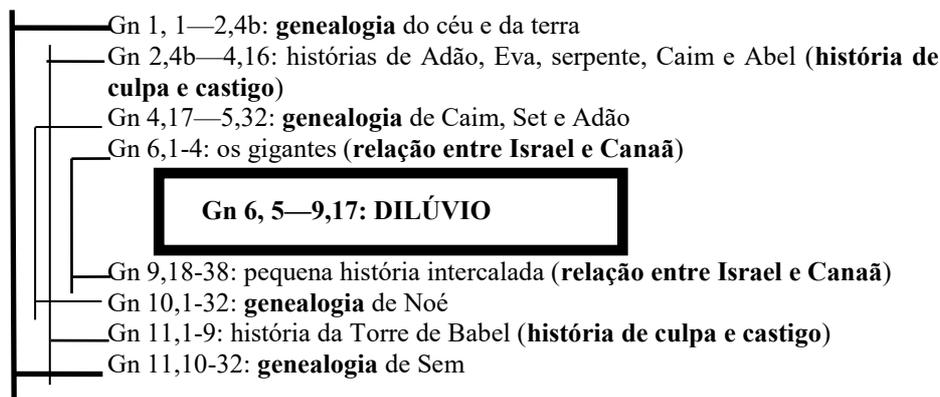
O raciocínio do redator parece lógico. Abraão era estrangeiro. Chegou à terra da promessa, mas desceu ao Egito (Gn 12,10-20). Jacó foi para o Egito e ali permaneceu até morrer. Isaac era o único filho da terra prometida capaz de garantir o direito de seus descendentes tomarem posse da terra.⁸

3. A genealogia na criação

Em Gn 1—11 encontramos dois textos da criação, Gn 1,1—2,4a e Gn 2,4b-25, os quais, à primeira vista, parecem ser os mais importantes em relação aos outros relatos de Gn 1—11. Observando a estrutura desses capítulos, na perspectiva das genealogias, o centro da narrativa recai sobre o dilúvio (Gn 6,5—9, 17). Vejamos:

⁷ SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 96.

⁸ SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 102.



A redação final dessas passagens dispôs, de forma paralela, as genealogias, de modo que elas, juntamente com as narrativas de histórias de culpa e castigo e as da relação entre Israel e Canaã, pudessem destacar a recriação, o dilúvio, como centro de toda a narrativa de Gn 1—11.

A genealogia de Noé, após o dilúvio, une Israel, como povo, em relação aos outros povos. A genealogia de Adão, por sua vez, une toda a humanidade no ato criador de Deus.

A genealogia da criação em Gn 1,1—2,4a, texto de origem sacerdotal, escrito no exílio babilônico (587-536 a.E.C) ou posterior a ele, não é uma ata da criação, mas foi o modo como os exilados encontraram para dizer como o Deus do povo eleito havia criado o mundo. No exílio, os judeus tiveram contato com os mitos babilônicos. Um deles, o *Enûma Elish*, foi encontrado em 1849 nas escavações arqueológicas de Nínive – atual Mossul, no Iraque, oriundo da biblioteca do rei da Assíria Assurbanipal (639-630 a.E.C).

Postulamos que Gn 1,1—2,4a é um contramito, uma resistência ao mito de *Enûma Elish*. O Deus dos pais, *El*, age em oposição a *Marduk*, o deus supremo do panteão babilônico, que era representado pelo sol. No mito de *Enûma Elish*, divindades, como Apsu, Atirat, Ea, Marduk e Kingu disputam o poder. O mundo é criado a partir da violência exercida entre os deuses. Já o ser humano é criado do sangue de um deus vencido na luta entre as divindades Marduk, Atirat e Kingu. O mundo é espelho do mundo violento dos deuses e o ser humano foi criado para ser escravo de Marduk.

Na genealogia da criação de Deus, em Gênesis, primeiro a luz, na sequência, o firmamento, terra seca e plantas, sol, lua, estrelas, águas, animais aquáticos e pássaros, animais selvagens e domésticos, por fim, o ser humano. Na perspectiva da resistência, destaca-se o fato de Deus ter criado primeiro a luz e ter deixado o sol, símbolo de Marduk, para ser criado junto com os luzeiros. A intenção do autor do contramito foi afirmar que a luz, que é o Deus de Israel, é mais forte que o sol de Marduk. Nesse sentido, podemos constar que:

Dos deuses *Apsu* e *Tiamat*, nomes que significam *abismo* e *vazio* ou *fosso sem fundo*, decorre a ideia de *vazio*, caos inicial na criação. Deus, em seu primeiro ato, cria a luz. E isso não foi por mero capricho. Significa afirmar mitologicamente que Deus mesmo é a luz que ilumina todo o criado. Notório é o fato de que Deus, em sânscrito, umas das línguas indo-europeias mais antigas, se grafa com *déva* ou *dywe*, que vem de *div* e significa *brilhar*, e *dew*, *luz*, *brilho*. Assim, da raiz de brilhar, luz, é que se originaram os substantivos Deus e dia. Daí que *bom dia*, *bôdiè*, é o mesmo que *boa luz* e *bom deus*. Em outras palavras, *que Deus seja luz em seu caminho*.⁹

Outras resistências, na perspectiva genealógica da criação, é que o Deus de Israel cria, gratuitamente, pelo poder de sua Palavra, o mundo e o ser humano, à sua imagem e semelhança para uma vida de prazer, descanso semanal e com a tarefa de multiplicar, de gerar descendência na terra.¹⁰

No final do livro, em Gn 49,1-28, os doze filhos de Jacó recebem a bênção do patriarca para deixar claro que eles têm os seus limites de parentesco e geográficos delimitados, e que eles não são menos importantes que José, o irmão que os uniu longe da terra da promessa. Depois do livro do Gênesis, os fios que dele decorrem continuam no Pentateuco. É o que afirma Pury: “Quanto aos laços que unem o livro do Gênesis aos livros seguintes do Pentateuco, estão especialmente no fato de que Jacó morre no Egito e que é de seus filhos que nascem os ‘hebreus’ que Moisés reunirá e fará sair do Egito”.¹¹

⁹ FARIA, J. F., As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1—11, p. 51.

¹⁰ Para uma análise completa de Gn 1,2—2,4a, ver FARIA, J. F., As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1—11, p. 43-61.

¹¹ DE PURY, A., Gn 12—36, p. 168.

4. Agar: a visionária que exigiu direitos para os seus descendentes

A promessa de Deus a Abraão, de que ele teria muitos filhos, não tinha se cumprido. Ele, num grito de desespero, diz: “Meu Senhor, que me darás? Continuo sem filho” (Gn 15,2). Inquieto, porque sabia que a posse da terra de Canaã tem relação com a descendência, Abraão implora a Deus por um filho. Surge, então, a possibilidade de sua serva, a egípcia Agar, dar-lhe um filho. Em comum acordo com Sara, Agar gera um filho para o casal (Gn 16,1-4). Intrigas entre a patroa e serva fizeram com que Agar, ainda grávida, fugisse para o deserto.

O anjo do Senhor lhe aparece e lhe pede que retorne para a casa de Abraão, que, por sua vez e por ordem divina, a acolhe. Finda a gravidez, Abraão põe o nome de Ismael ao filho de Agar (Gn 16,7-15). Voltar para a casa de Abraão garantiria a Agar e Ismael a presença na terra de Canaã, onde Abraão já estava há dez anos (Gn 16,3). Sem a terra, de nada vale um filho, ainda que descendente de Abraão. Da mesma forma, se o nome do filho não fosse dado por Abraão a descendência de Agar não seria válida.

Agar trazia no seio materno a herança, o filho, diferentemente de Sara, a esposa legítima do patriarca. Milton Schwantes afirma que “sem o apossamento do filho e o reapossamento da escrava-mãe, a posse da terra teria que ser distinta da que era. É que a exclusão da mulher passava pela apropriação patrilinear da terra”.¹²

A continuidade da história de Agar encontra-se no capítulo vinte e um de Gênesis. Quando Sara, enfim, consegue, por decisão divina, ter um filho com Abraão, ela decide exigir a expulsão de Agar para o deserto. Não estando de acordo, Deus aparece a Abraão e lhe pede para aceitar a proposta da esposa. Deus garante a Abraão que faria também de Ismael uma grande nação, pois ele era de sua estirpe, de sua raça (Gn 21,11-14).

Agar segue o caminho do deserto. Desanimada, por ver a morte chegar para o filho, ela o sentou debaixo de um arbusto e, longe dele, começou a gritar e a chorar. Deus ouviu o choro de Ismael, de onde decorre o significado do seu nome: “Deus ouve”. O encontro com Deus ocorre num estado de desespero de uma mãe sem ação. Deus age sem pedir nada em troca, mas em favor do filho deserdado, que padece no deserto, próximo a Bersabeia. Deus ouve, assim como ouvira o clamor de seu povo que estava escravo no Egito (Ex 3,7).

¹² SCHWANTES, M., Deus vê, Deus ouve! Gênesis 12-25, p. 97.

O anjo de Deus disse à mãe: “Que tens, Agar? Não temas, pois Deus ouviu os gritos da criança, do lugar onde ele está. Ergue-te! Levanta a criança, segura-a firmemente, porque eu farei dela uma grande nação” (Gn 21,17-18). Deus ouve o grito da criança. Agar não teve dúvida da promessa, abriu os olhos e viu um poço. Deu de beber ao menino e seguiu o seu caminho. Ismael cresceu no deserto de Farã, tornou-se flecheiro e casou-se com uma mulher egípcia (Gn 21,19-21).

Filho de mãe egípcia e esposo de mulher egípcia, a historiografia de Ismael recorda ao povo de Israel a opressão vivida no Egito, ainda que o escravo nessas narrativas não seja o povo da Aliança, mas os egípcios, representados na figura de Agar. Assim como o povo se libertou do Egito e tornou-se forte, Ismael, conforme promessa de Deus feita à sua mãe (Gn 16,11), tornou-se um “potro de homem, sua mão contra todos, a mão de todos contra ele” (Gn 16,12). Os descendentes de Ismael são os árabes do deserto.

Em relação aos conflitos entre a genealogia de povos oriundos de Abraão e Sara e de Abraão e Agar, Schwantes escreve:

A descendência de Sarai, Abrão e Isaque (Gn 17), na região da Grande Judá, efetivamente teve múltiplos problemas com a descendência de Agar e Ismael. Representava uma contínua ameaça ao território tribal judaíta, em especial no sul. Em alguns momentos históricos, a inimizade com estes do sul foi terrível (basta mencionar Abdias). Ismaelitas eram inimigos temidos.¹³

No âmago da historiografia de Agar, a mulher que complicou os rumos da genealogia abraâmica, garantindo, como visionária, o lugar de seus descendentes na história da Salvação, está a ação de Deus que ouve o grito dos indefesos que fazem uma experiência exodal, de libertação e proteção divina para sempre, assim como fez o Deus de Abraão com o seu filho Ismael. Para garantir genealogias em torno do patriarca, Deus muda o rumo da história sem romper os laços de pertença.

Agar, no deserto, com sede, coloca o menino debaixo de um arbusto, senta-se defronte e se põe a gritar e chorar. Interessante é o fato de que o redator da historiografia narrar que Deus ouve os gritos da criança e que Agar não deveria temer, mas tomar a criança, pois Deus cuidaria dele e o faria uma grande nação (Gn 21,14-21). Agar, que era estrangeira, mais tarde, escolheu

¹³ SCHWANTES, M., Deus vê, Deus ouve! Gênesis 12-25, p. 95.

uma mulher estrangeira, do Egito, para o seu filho. Com esse relato historiográfico, Agar e Ismael estão integrados na genealogia abraâmica.

5. A genealogia ao redor da sepultura de Abraão

Depois de Ismael, a genealogia de Abraão devia prosseguir gerando vidas e histórias. Conforme Gn 11,27-32, ela começou com Taré, seu pai e também de Nacor e Arã, que havia saído de Ur dos Caldeus, com ele, Abrão, e sua esposa estéril, rumo a Canaã. Taré não chegou ao destino, morreu em Harã em idade avançada. Abraão seguiu viagem, obedecendo ao chamado divino (Gn 12,1-5).

Chegamos ao capítulo vinte e cinco de Gênesis. Abraão, pai de Isaac e Ismael, resolve tomar como esposa outra mulher, Cetura, que lhe gerou ainda outros seis filhos: Zamrã, Jecsã, Madã, Madiã, Jeboc e Sué (Gn 25,1-2). Pode parecer estranho e pouco conhecido esse outro lado da vida do patriarca, que a fonte Javista acrescentou à genealogia Sacerdotal. Na sequência desse capítulo figura também a genealogia Sacerdotal de Ismael (Gn 25, 12-14). Ela é composta de doze filhos, número que estará, definitivamente, ligado à história de Israel, com os futuros doze filhos de Jacó, o filho de Isaac.

Com essa genealogia estabelecida, Abraão, mais uma vez, une povos em torno dele pela linhagem de Cetura, a saber: os madianitas (Madiã), os sabeus (Sué) e os dadanitas (Dadã, filho de Jecsã). E ainda podemos acrescentar os comerciantes nabateus, originários do primogênito de Ismael, Nabaiot. Esses tornam-se os parentes do leste e do oriente, os povos da Arábia.

Quando a morte se aproxima, Abraão oferece seus bens a Isaac, e dá presentes aos filhos de Cetura e os envia para longe de Isaac. Com isso, a reclamação “ainda não tenho filhos” estava resolvida. Faltava ainda a questão da terra, ainda que o texto informe que a terra e os bens haviam sido repassados para o único herdeiro da promessa, Isaac que, como dissemos anteriormente, nunca saiu da terra prometida.

Na sequência da narrativa, salta aos olhos a informação de que Abraão morre numa velhice feliz, em idade avançada (Gn 25,7). Outro detalhe, mais interessante ainda, é o fato de todos os seus filhos, os de Agar, os de Sara e os de Cetura estarem todos reunidos em torno dele no momento da morte. As diferentes genealogias se encontram diante de uma sepultura.

Schwantes afirma que:

No final o parentesco aparece como o espaço histórico e social para uma vida que pode respeitar os diferentes. Essa irmandade entre gentes tão diferentes é parte desse jeito seminômade, no qual, enfim, todos necessitam de todos para poder viver. Ninguém precisa ser eliminado.¹⁴

Os filhos enterram o pai no campo de Efron, na gruta de Macpela, local que ele havia comprado e enterrado Sara. Esse detalhe, se não fossem os relatos anteriores sobre a vida de Abraão, poderiam ser considerados normais, mas não são. Desse fato decorre que as genealogias se encontram numa sepultura, numa terra recebida como dom de Deus e possuída com a compra efetiva de seus donos legítimos, os filhos de Het (Gn 25,10), os heteus, em Hebron, no sul, em Judá, região que congrega as tradições em torno de Abraão. Em Macpela também foram sepultados Isaac (Gn 35,27-29) e Jacó (Gn 50,12-13).

Em torno da sepultura de Macpela está o direito de posse da terra, direitos agrários.¹⁵ Nesse sentido, o profeta Jeremias, depois de apoiar a invasão babilônica, por acreditar que ela seria um corretivo para o povo, compra, quando a cidade de Jerusalém, seu Templo e casas estavam sitiados, um pedaço de terra em Anatot para simbolizar a pertença à terra e a esperança de um futuro promissor para o povo na terra de Judá (Jr 32,1-15).

Depois da genealogia de Abraão, o caminho fica aberto para as genealogias de Isaac e Jacó, mas essas oferecem outros detalhes não menos importantes para a tecelagem final que compõe a historiografia bíblica dos patriarcas.

Conclusão

A genealogia é um modo bíblico de firmar, no tempo da vida presente, a memória de um passado que não pode ser esquecido. Sem laços não nos tornamos eternos. Como um retrato pendurado na parede da sala, assim é a nossa árvore genealógica que nos conduz aos quartos, à cozinha de nossas vidas tecidas nas relações que se transformam em fios de eternidade. A genealogia bíblica tem um valor transcendental, pois vai além do real. Ela tem um caráter de fé que coloca o judeu em relação com o outro da família, ainda que distante, e com Deus que o criou e que com ele criou laços de pertença desde a criação do mundo.

¹⁴ SCHWANTES, M., Deus vê, Deus ouve! Gênesis 12-25, p. 270.

¹⁵ SCHWANTES, M., Deus vê, Deus ouve! Gênesis 12-25, p. 268.

Desse modo, Abraão, conforme as genealogias estabelecidas, torna-se o elo que une parentes, povos e nações. Os parentes, sobretudo, estão unidos nessa figura ímpar da história da salvação. Abraão une, congrega os diferentes, de forma ecumênica. Ele possibilita a construção da identidade de um povo que fez aliança eterna com Deus. A partir de Abraão, os projetos do passado são relidos, reinterpretados, para projetar uma nova vida, um novo horizonte nos pós-exílio babilônico. Os outros povos não são excluídos, mas unidos ao povo de Israel. Não por menos, muitos povos que se libertaram da escravidão do Egito se uniram ao grupo de Moisés.

As genealogias abraâmicas serviram para legitimar a pertença à terra que Deus prometeu aos pais. Sem essas garantias, Israel não seria povo em Canaã. Tampouco Israel teria construído sua identidade. O livro do Gênesis, na sua totalidade e alicerçado pelas genealogias, constitui uma porta de entrada para a formação do povo de Israel, ao apresentar as historiografias da humanidade e de nações, parentes ou não do povo abraâmico.

A genealogia em Gênesis serviu para definir a geografia do povo de Israel e situá-lo na história da humanidade. A geografia, além de delimitar o território da terra prometida, serviu para estabelecer os parentes distantes, os que não são da descendência de linha reta, como Ismael etc.

Nenhum outro povo, na história da humanidade, soube valorizar tanto as genealogias, como Israel. Essa cultura foi repassada para outros povos. Na nossa cultura pós-moderna vemos, infelizmente, a cultura dos laços familiares se perderem no emaranhado das grandes cidades, na falta de tempo para conviver, ainda que laços vazios, alimentam as redes sociais nos zaps da vida. Perder os laços familiares é o mesmo que perder a identidade. Que os nossos pais e mães na fé nos inspire relacionamentos duradouros.

Referências bibliográficas

DE PURY, A. Gn 12—36. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.-D.; NIHAN, C. (Orgs.). **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 168-194.

FARIA, J. F. **As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1—11: mitos e contramitos**. Petrópolis: Vozes, 2015.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2021v2n4p210

HEARD, R. C. **Dynamics of Diselection**: Ambiguity in Genesis 12-36 and Ethnic Boundaries in Post-Exilic Judah. Atlanta: Scholars, 2001.

LEVIRANI, M. Nuovi sviluppi nello studio dell'Israele Biblico. **Biblical Studies on the Web**, v. 80, n. 4, p. 488-505, 1999. Disponível em: <<https://www.bsw.org/biblica/vol-80-1999/nuovi-sviluppi-nello-studio-dell-146-israele-biblico/332/article-p488.html>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SCHWANTES, M. **Deus vê, Deus ouve! Gênesis 12–25**. OIKOS: São Leopoldo, 2013.

SKA, J.-L. **O canteiro do Pentateuco**: problemas de composição e interpretação – aspectos literários e teológicos. São Paulo: Paulinas, 2016.

SKA, J.-L. **Introdução à leitura do Pentateuco**: chaves para a leitura dos primeiros cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2000.

Jacir de Freitas Faria

Doutor em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Docente EaD na Universidade São Francisco

Bragança Paulista / SP – Brasil

E-mail: bibliaepocrifos@bibliaepocrifos.com.br

Recebido em: 27/09/2021

Aprovado em: 24/12/2021